

O PROGRESSO
(Hino da mocidade)

AO SR. E. PELLETAN.

E pur si muove!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda,
E através do horizonte há uma aurora a rir.

E sempre a mesma aurora a rir de era em era,
E sempre a estrada augusta a rebentar em flor!
Salve, fértil, gentil, rosada primavera!
Eterno resvalar do melhor ao melhor!

A mocidade ergueu-se. Um século dourado
Veio ao berço gentil inocular-lhe a fé;
E na orla a luzir do horizonte azulado
Mostrar-lhe como um sol a verdade de pé!

A verdade! está aí fecunda, onnipotente.
Nossa estrela polar, e bandeira, e troféu!
Sim! o mundo caminha a um polo atraente,
Di-lo a planta do val, di-lo a estrela do céu!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda,
E através do horizonte há uma aurora a rir!

Que val? que nos importa essa ideia sem fundo
Que estaciona e prende a humanidade ao pó?
Fala mais alto, irmãos, este avançar do mundo
E toda a natureza em um canto, num só!

Fala mais alto, irmãos, a ardente humanidade!
Marchando a realizar uma missão moral;
E pregando uma lei, uma eterna verdade,
Do progresso subir a mágica espiral.

Sim! romeira gentil aos séculos se enlaça!
Na escala do progresso ela não se detém!
Uma herança moral corre de raça a raça,
Se ela desmaia aqui, vai triunfar além!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda,
E através do horizonte há uma aurora a rir!

Eia! num canto ardente erga-se ousada a frente!
Doure esta caravana um límpido arrebol!
Creiam embora a luz a nascer do horizonte
Crepúsculo sombrio e desmaiar do sol!

Creiam-no. Um astro se ergue em céu dourado e puro
E nos mostra com a luz terra de promessa!
Corramos sem temor, obreiros do futuro!
A verdade palpita em nosso coração!

Soa em nossa alma ardente um grito entusiasta
E às barreiras do tempo uma voz diz: – Passai!
Morte ao lábio sem fé que nos murmura: – Basta!
Glória à voz festival que nos exclama: – Vai!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda,
E através do horizonte há uma aurora a rir!

MACHADO D' ASSIS

[*Correio Mercantil*, 30 nov. 1858. p. 2.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz
Campos